



A poética de resistência indígena de Graça Graúna em *Canto Mestizo*

Graúna's poetic of indigenous resistance in *Canto Mestizo*

Carlos Augusto de Melo¹

Laís Cristina Soares²

Joel Vieira³

Resumo: Neste artigo, objetiva-se analisar a obra *Canto Mestizo* (1999), da escritora indígena Graça Graúna, considerando o poético como instrumento fundante de (auto)afirmação e de resistência indígenas do qual a escritora se apropria para combater a violência, os estereótipos e o apagamento, oriundos das estratégias de poder do pensamento colonial contra os povos indígenas. O propósito é demonstrar os modos como essa escritora potiguar retoma as culturas dos povos ameríndios, vinculando-as à tradição oral e à memória, para construir coletivamente uma poética de resistência indígena na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literaturas indígenas. Identidades. Graça Graúna.

Abstract: In this article, we intend to analyze the book *Canto Mestizo* (1999), by the indigenous writer Graça Graúna, considering the poetic as a founding instrument of (self) affirmation, resistance and breaking with prejudice against indigenous peoples from the domination of colonial thoughts. These purpose is to demonstrate how this woman writer works, in literature, the cultures of Amerindian peoples, linked to oral tradition and memory, aspects which strengthen to the resistance of indigenous people through the literary language.

Keywords: Indigenous literatures. Identities. Graça Graúna.

No Brasil, as produções literárias de escritoras(es) indígenas contemporâneas(os), aldeadas(os) ou não, confirmam os protagonismos dos povos originários para a necessária revisão da história da literatura, contrariando o ponto de vista do pensamento colonizador, que foi responsável por subestimar, estigmatizar e violentar as(os) indígenas ao longo dos séculos. Ao trazerem perspectivas contrárias às do dominador, dando ênfase, assim, às que advêm dos lugares de fala daquelas(es) que vivenciaram ou vivenciam as experiências de dominação, em seus espaços de subalternidade, essas(es) escritoras(es) propõem, então, (re)construir as representações das(os) indígenas em prol de uma sociedade mais justa, democrática, humanizada e decolonial.

Desse modo, essas literaturas indígenas se configuram como um dos fenômenos políticos e culturais bem ativos e representativos, cujos objetivos têm relação com as

¹ Professor de Literatura no Instituto de Letras e Linguística e no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia.

² Mestranda em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Mestrando em Estudos Literários no Programa de pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas.

urgentes lutas pelo (re)conhecimento das identidades culturais dos povos indígenas; é, então, uma forma de ativismo, de militância e de engajamento de minorias, historicamente violentadas, subalternizadas e invisíveis, dentro de uma sociedade sob bases eurocêntrica, patriarcal, branca, misógina, heterossexual e racista. Esses trabalhos literários de autoria indígena possibilitam às(aos) escritoras(es) formas ampliadas de (auto)afirmação de suas culturas e de (auto)valorização étnica, como ato político e de direito.

De fato, quando os povos indígenas puderam socializar a toda sociedade suas vivências por meio da escrita, houve certa desconstrução do silenciamento imposto a eles. E, mais que socializar, esses povos começaram a ser ouvidos; e, nesse sentido, sair do silêncio e fazer-se ouvido correspondem a um movimento político de autoafirmação. Com isso, a literatura pode ser considerada uma produção da auto-história, permitindo que ocorra uma ressignificação das histórias das(os) indígenas, desfazendo equívocos e conceitos preconceituosos existentes, como constata Daniel Munduruku sobre as obras literárias indígenas recebidas por aquelas(es) que não conhecem as culturas dos povos autóctones:

[...] a maioria, no entanto, repetia a visão estereotipada e excludente, fazendo os leitores acreditar que os povos indígenas eram coisa do passado. Eu tinha que procurar reverter esse quadro. Não era justo que nossos povos figurassem como folclore nas prateleiras, como se fossem personagens de um passado que não existia mais (MUNDURUKU, 2016, p. 173).

Munduruku questiona e visa reverter os ideais estereotipados que folclorizavam /folclorizam os sujeitos indígenas. O olhar excludente do “outro” colaborou para que a ideia de que o indígena seria incapaz de se autonarrar, de contar sobre si e sobre as(os) suas(eus) parentas(es). As literaturas indígenas insurgentes precisaram se construir como um instrumento político, visto que um dos seus principais objetivos é a politização da condição das(os) indígenas, no Brasil, em termos de desenvolvimento de suas especificidades epistemológicas, normativas, antropológicas, políticas e culturais. A escritora indígena Márcia Kambeba afirma que:

Passaram-se os anos, os povos conheceram a escrita e ela tornou-se uma ferramenta importante na luta pela manutenção da cultura indígena, facilitando o registro dos conhecimentos que até então eram transmitidos pela oralidade. Com a escrita nasce a “literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência (KAMBEBA, 2018, p. 39).

No que tange às produções escritas por mulheres indígenas, trata-se de um espaço de empoderamento feminino e, em algumas delas, feminista também, uma vez que, desde o processo de colonização, as indígenas são vistas como objeto, enfrentando abusos, silenciamentos e violências, físicas e simbólicas, nos mais variados níveis, sendo forçadas a viver caladas e invisíveis no espaço da subalternidade. Logo, as produções

literárias são ferramentas potentes para enfrentar a situação de exclusão, de marginalização e de violência pelas quais as mulheres indígenas são submetidas por conta das posturas misógina, machista, sexista e etnocida brasileiras.

No excerto abaixo, Graça Graúna⁴ aponta para essa questão de que a escrita literária das mulheres indígenas pode ser um instrumento social e cultural com o qual se trabalham as ideias, os sentimentos, as memórias, as dores, as lutas, as esperanças, os desejos das mulheres indígenas, muitas delas tentando retirar as nódoas da dominação colonial:

As mulheres indígenas, aos olhos da sociedade, estão abaixo do último degrau que compõe as camadas da sociedade. Indígenas, pobres, discriminadas, excluídas, invisíveis. São mão-de-obra escrava em plantios de cana-de-açúcar, algodão e outros. Se estão próximas às mineradoras, são objeto sexual de garimpeiros ou mineradores. Se estão nas cidades, empurradas por alguma razão social e política de sua nação, tornam-se prostitutas, objeto do tráfico internacional de mulheres, empregadas domésticas ou operárias mal-remuneradas.

Dentro das aldeias urge um trabalho de conscientização contra a violência sexual, o estupro, o assédio, o alcoolismo, que resulta nas violências interpessoais, nas intrigas, nos distúrbios psicológicos, nos suicídios. [...] Urge um trabalho de conscientização nessas nações que mais sofreram com a neocolonização, ao lado dos povos Ressurgidos e dos Quilombolas (GRAÚNA, 2013, p. 34-35)

Da voz dessa escritora potiguara se erguem as vozes coletivas das matriarcas indígenas, que foram vítimas da perseguição e da espoliação coloniais. Ainda que, até hoje, essas tristezas estejam presentes, a autora sonha em viver em um tempo de paz, quando as pessoas não estarão mais cercadas por conflitos e violência de nenhuma ordem. Mesmo que considere que haja um longo caminho a percorrer, ela demonstra que a literatura é o espaço de esperança, no qual se pode subverter a lógica do ódio e da destruição humana. Contribuindo com os direitos humanos, Graça Graúna tem

⁴ A escritora Maria das Graças Ferreira, que se automeia Graça Graúna, nasceu em 1948, em uma antiga vila, denominada São José do Campestre. Após completar o Supletivo, em 1984, ingressou na UFPE, seguindo pelo campo da Literatura, dedicando-se à cultura e história indígenas. Atualmente, ela reside no Recife e se dedica, entre outras atividades, à apresentar a palavra indígena por meio do campo virtual, alimentando constantemente dois blogs: <http://ggrauna.blogspot.com.br/> e <http://www.tecidodevozes.blogspot.com.br/>, além de interagir com diversas(os) escritoras(es) indígenas, apresentando sua cultura em nível mundial. A autora é escritora, poeta, crítica literária, com graduação, mestrado e doutorado em Letras, pela UFPE. É professora adjunta orientadora na UPE, atuando como pesquisadora na área de Letras, com ênfase em Estudos Comparados, dedicando-se principalmente aos seguintes temas: literatura e direitos humanos, literatura e cultura indígena, e poesia brasileira. É membro titular do Conselho de Educação Escolar Indígena (CEEIN), em Pernambuco. Graça Graúna vem se destacando no engajamento frente à produção literária indígena brasileira, produzindo livros teóricos a respeito da temática citada, como: *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013), *Impressões de leitura do texto* (2015), *Um flagrante do marginalizado na literatura brasileira* (1999), *Diálogo Multiétnico: história e memória de negros e índios em Toni Morrison e Vargas Llosa* (2001), *Literatura indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto* (2012) e *Direitos humanos em movimento* (2011). Além de produzir livros literários, dentre eles: *Canto Mestizo* (1999), *Tessituras da terra* (2001), *Tear da palavra* (2007), *Flor da mata: poesia indígena* (2014) e *Criatura de Ñanderu* (2010).

esperanças, assim como Eliane Potiguara, de um “futuro digno” às(aos) suas(eus) parentas(es) indígenas:

Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder. Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade. Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma! Bonito é poder dizer sim e avançar. Bonito é construir e abrir portas a partir do nada. Bonito é renascer todos os dias. Um futuro digno espera os povos indígenas de todo o mundo (POTIGUARA, 2004, p. 79).

Na escrita poética de Graça Graúna, demonstra-se uma prática identitária na qual não se quer esquecer e, muito menos, afastar-se de uma ancestralidade que se faz poética e indígena. Trata-se, portanto, de construir uma força literária com a qual se luta contra o esquecimento e o apagamento de suas identidades étnicas, subvertendo o preconceito, a lógica ocidental e colonial, a violência, a negligência aos quais são submetidos as(os) sujeitas(os) indígenas. Embora rompa “com o estereótipo de que um autor indígena apenas poderia produzir textos que discutissem o seu lugar social” (BARROS, 2020, p. 95), os textos literários de Graça Graúna encaixam-se no eixo de defesa das culturas indígenas, possibilitando que, por meio da linguagem escrita, as identidades dos povos originários sejam mais visíveis, compreendidas e respeitadas na sociedade contemporânea. Portanto, a produção literária de Graça Graúna estimula o respeito aos saberes indígenas, apresentando-os a toda sociedade brasileira de maneira contundente.

Graça Graúna (2011) afirma que o descaso criado em relação às literaturas indígenas é desconcertante, uma vez que foram constantemente silenciadas ou negadas até fins do século XX. Embora em frequentes movimentos de reconhecimento pelo sistema cultural e literário, em pleno século XXI, pode-se acreditar que essas literaturas, tanto orais quanto escritas, dos povos indígenas ainda não estejam salvas dos ataques etnocêntricos. Sabe-se que, como os povos originários foram inferiorizados, tratados como preguiçosos, selvagens, marginais, alcoólatras, dentre outros aspectos que procuraram ou ainda procuram destruir as culturas indígenas, as manifestações literárias deles também carregam esses estigmas e marcas de inferioridade e descrédito no sistema cultural nacional. Dependendo do ponto de vista de recepção, muitas vezes proveniente de uma elite intelectual, branca, etnocêntrica e preconceituosa, essas produções nem chegaram ou chegam a ser consideradas como literárias, sendo deliberadamente excluídas da história da literatura nacional.

O livro *Canto Mestizo* foi o primeiro instrumento literário impresso do qual Graça Graúna se munuiu para, unindo-se a outras obras escritas pelas(os) suas(seus) parentas(es) indígenas, abalar essa ordem literária ortodoxa, causando evidentes fissuras nos fundamentos da história literária daí em diante. Ele foi publicado em 1999, período dos primeiros passos das literaturas indígenas, no Brasil, cuja editora chamada Blocos não pertencia ao circuito cultural canônico. Uma obra que nasceu para ser marcante, tanto temática quanto estruturalmente, uma vez que apresenta variadas formas literárias em que, numa dimensão híbrida e intertextual, os aspectos literários

relacionam-se a universos de reflexões filosóficas como ancestralidade, identidade, amerindianidade, memória, entre outros. Randra Barros confirma que:

O livro *Canto Mestizo*, editado em 1999 pela Editora Blocos, constitui a primeira publicação da autora em formato de livro. Dedicado ao escritor guarani Kaká Werá Jecupé, o livro apresenta textos marcados pela pluralidade, tanto no plano do conteúdo (debate indígena, reflexão sobre os povos latino-americanos, discussão sobre o fazer poético, entre outros) quanto no plano estético (haicai, poesia visual). O título, que faz referência à palavra mestiço em espanhol (mestizo), já sugere a marca da hibridez que acompanha os textos da publicação (BARROS, 2020, p. 14-15).

A partir dessa obra inaugural, pretende-se, aqui, analisar alguns poemas dela, cujos aspectos literários, em uma simbiose entre conteúdo e estrutura, possibilitam trazer à tona questões em torno da construção de uma poética indígena como instrumento fundante de (auto)afirmação, de resistência e de rompimento com estereótipos sobre os povos indígenas, frutos da dominação do pensamento colonial brasileiro. Como foi dito, as produções literárias de Graça Graúna revelam um posicionamento favorável à ideia de que as culturas, os costumes e as crenças indígenas devam também ser registradas pelas(os) próprias(os) indígenas em línguas não indígenas, com o objetivo de se tornarem visíveis e acessíveis a todas e todos o que antes ficava circunscrito quase sempre às memórias dos povos indígenas, apenas repassado oralmente.

Os poemas de Graça Graúna ativam o pensamento reflexivo das(os) leitoras(es), revisando e reconstruindo os conceitos sobre as culturas indígenas. A escrita literária passa a funcionar, então, como uma técnica de preservação das narrativas indígenas, auxiliando no registro dos textos orais e, por outro lado, estimulando o resgate da oralidade por meio da memória. O amor de Graça Graúna tão grande pelos versos aconteceu na infância, por incentivo de sua mãe, Noêmia. Sabe-se que, desde criança, ela tem buscado se conectar melhor com suas origens indígenas. Assim, ao trazer para os poemas essas vozes indígenas, suscitadas de suas memórias ancestrais, Graúna realiza esse movimento político-pedagógico que coloca a(o) indígena como sujeita(o) de direito e, ao mesmo tempo, forma a(o) não indígena para um pensamento não estereotipado, violentamente colonizador, com qual o ódio e o etnocídio podem ser alimentados.

No décimo primeiro poema que está presente na intitulada 1ª Parte – Hai-Kais, do livro *Cantos Mestizos*, na qual se encontram reunidos os poemas em formato de haicais, todos sem títulos e numeração, pode-se perceber a imagem de que as culturas indígenas valorizam suas relações identitárias com o tempo e a natureza, elementos que são considerados uma extensão de cada indígena no planeta terra:

Água, terra, fogo e ar
labirintos do ser
em todos os tempos
(GRAÚNA, 1999, p. 27).

Nesse texto poético, ao se apresentarem a água, a terra, o fogo e o ar, é possível notar que esses elementos naturais, enquanto “labirintos do ser”, são essenciais para a manutenção da vida em todos os seus aspectos materiais e cosmogônicos, embora não de maneira ordenada, e certa, pois os labirintos são compostos por percursos intrincados que podem desorientar quem os percorre. Essa questão explica talvez o porquê de eles serem os sujeitos da situação e “labirintos do ser”, em sua função de predicativo do sujeito, são características que os complementam. Além disso, percebe-se que os versos, cujas palavras representam justamente os elementos da natureza e o tempo, são mais longos em comparação ao dos “labirintos do ser”, bem como se encontram nas extremidades do poema. Essa estrutura estimula a percepção de que há certa grandeza nesses elementos para comporem o ser em sua formação labiríntica. Desse modo, a conexão com eles torna o indivíduo mais complexo.

Sendo assim, nas entrelinhas desse poema, são percebidas essas ideias que se relacionam à consciência indígena de uma essência natural na mulher e no homem, conhecimento primeiro cultivado pelas(os) ancestrais ao longo do tempo, sendo transmitido de geração em geração, por meio da contação de histórias orais, das danças ritualísticas “em todos os tempos” e do contexto cultural desses povos. A partir daí, pode-se entender o porquê das lutas das(os) indígenas pela territorialidade e pela preservação das matas. A destruição de seus territórios naturais torna esses labirintos fragmentados, desconectados com o homem, enfraquece as fontes identitárias às quais as(os) indígenas estão conectadas(os) e das quais se nutrem ancestralmente. Nesse sentido, Eliane Potiguara denuncia que “a destruição dos cemitérios sagrados dos povos indígenas, que representam uma forte referência cultural, fez com que famílias perdessem definitivamente o elo com seus ancestrais, causando a desintegração cultural e espiritual” (POTIGUARA, 2018b, p. 23).

O poema “Answer”, apresentado na “2ª parte/ Post-scriptum”, do referido livro *Canto Mestizo* (1999), é uma forma de reafirmar que, mesmo diante da imposição do dominador, representado pela expressão estadunidense “sir” e pelo uso da língua inglesa, os povos originários mantêm suas tradições e suas identidades fortalecidas há séculos, principalmente nas últimas décadas quando começaram a garantir seus direitos de fala. É fato que a maioria das(dos) indígenas nunca abandonaram suas práticas e crenças, mesmo passando a pertencer, como consequência do processo diaspórico, a outros grupos sociais não indígenas:

Answer

Yes, sir.
We have indigenous blood
We have ebony sweat
We have mestize tears

Yes, sir.
Nessa mistura
caminhamos fortes

(GRAÚNA, 1999, p. 42).

Nesse poema, nota-se a menção à caminhada, a qual denota, por meio de verbo de ação, a condição de movimentação, de seguir em frente, na qual as(os) indígenas estão se construindo para prosseguirem em seus enfrentamentos identitários, garantindo a valorização de suas memórias, as quais se transformam em fontes de legitimação da representação das culturas indígenas. Por isso, o processo de autoafirmação se apresenta propositalmente no uso da língua inglesa, que remete à transculturação à qual muitas(os) indígenas foram/são submetidas(os) em seus “movimentos” diaspóricos. Assim, vê-se que as literaturas indígenas possuem uma faceta multicultural e permitem “ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem em circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais” (ARAÚJO, 2001, p.32).

Nos versos “we have ebony sweat / we have mestize tears”, há marcas de sofrimento e tristezas, experiências comuns a esses povos originários, principalmente os expulsos de suas terras de origem. No entanto, o poema aponta para a constatação de que, apesar dessas vicissitudes históricas, eles permanecem fortes em busca da valorização cultural de suas etnias. Como afirma Graúna (2012, p. 275), “fazer literatura indígena é uma forma de compartilhar com os parentes e com os não indígenas a nossa história de resistência, a nossas conquistas, os desafios, as derrotas, as vitórias [...]”.

As literaturas indígenas são, portanto, produções “que trafega(m) na contramão” (GRAÚNA, 2013, p. 61), que movem um embate contra certa forma de violência epistêmica e que destacam as vozes indígenas e suas próprias experimentações do/no mundo. Caminhar forte é resistência. Essa mistura da qual se fala no poema indica a “mescla cultural”, elemento que, segundo Graça Graúna, caracteriza as(os) indígenas contemporâneas(os):

[...] a literatura escrita pelos povos indígenas no Brasil pede que se leiam as várias faces de sua transversalidade, a começar pela estreita relação que mantém com a literatura de tradição oral, com a história de outras nações excluídas (as nações africanas, por exemplo), com a mescla cultural e outros aspectos fronteiriços que se manifestam na literatura estrangeira e, acentuadamente, no cenário da literatura nacional (GRAÚNA, 2013, p. 19).

O poema “Nem mais, nem menos” explora essa posição de transferência cultural também entre as(os) próprias(os) parentas(es) indígenas:

Nem mais, nem menos

Um homem, uma mulher
são o que são:
palimpsestos
pássaros
deuses
mágicos

videntes
 astro/estrela
 de Altamira à Lascoux
 Asteca
 Pankararu
 Fulni-ô
 Xavante
 Potiguara, quem sabe?
 Íntimos irmãos da terra
 salvaguardam o limo das pedras
 o voo dos peixes
 e os sagrados rios navegáveis
 (GRAÚNA, 1999, p. 40)

Nesses versos, visualmente estruturado entre altos e baixos relevos sintáticos, percebe-se que todas as mulheres e todos os homens indígenas representam diversas formas e formatos, naturais ou espirituais, independentemente se forem planos reais, ficcionais e espirituais; independentemente, também, de onde vêm ou estão, são todas e todos “irmãos da terra”. A menção às diversas localidades que se ligam pelos seus elementos culturais demonstra que, apesar da dúvida, é possível uma irmandade indígena global, emergida de uma coletividade cosmogônica, se se considerar a conexão de todos os povos pelo elo que é a própria natureza. Por isso, quando a voz poética afirma “Íntimos irmãos da terra/ salvaguardam o limo das pedras / o voo dos peixes / e os sagrados rios navegáveis”, constata-se o destaque para o papel importante dos povos originários no sentido de manterem vivas as culturas originárias. Haverá, portanto, a preservação de suas ideologias, tradições, costumes, os quais estão presentes na forma de se manifestarem literariamente, evidenciando que "os povos indígenas do Brasil iniciaram um período de recuperação demográfica e de autoestima identitária" (LUCIANO, 2006, p. 107).

Desse modo, pode-se dizer que o engajamento literário de Graça Graúna revela pertencer ao conjunto das produções indígenas que lutam pelo direito de reconhecimento dos povos indígenas brasileiros, evidenciando as suas identidades mais integradas e conectadas aos direitos humanos e ao pensamento humanizador de uma necessária e vital existência coletiva. Em seus versos, percebe-se que, de maneira bem sutil, a escritora potiguara critica as discriminações étnicas, de preconceitos, de estereótipos equivocados, de explorações, de várias perdas, de massacres, do isolamento e também dos costumes, dos valores, das esperanças daqueles que buscam o reconhecimento social. De acordo com Heliene da Costa:

[...] a poesia de Graça Graúna se vale da palavra como denúncia, em conexão imediata com a realidade, sua poética se levanta como forma de enfrentamento diante das agressões sofridas pelo meio ambiente ou por seus parentes indígenas (COSTA, 2020, p. 40).

As produções poéticas da autora nos revelam sua memória, sua história, sua identidade, sua cultura e sua luta pelo fim do silenciamento e da desconstrução dos

estereótipos dados aos indígenas ao longo do processo de “colonização”, de “civilização”, de “nacionalização” que sofreram no Brasil. Graça Graúna confirma, em forma de poesia, o necessário acolhimento das(os) indígenas por parte do sistema literário-social brasileiro, motivando, a partir de sua representatividade feminina enquanto mulher e escritora indígena, outras parentas também a começarem a se (re)erguer nesse movimento literário de luta pelos seus direitos. De tal forma, as vozes poéticas femininas indígenas podem se unir às de suas ancestrais, pois:

[...] a literatura é a força de coesão dessas mulheres, é a força capaz de promover a ruptura com o tempo do apagamento das vozes originárias. A força da palavra feminina, em Graça Graúna, é capaz de cimentar a construção da paz e do respeito entre indígenas e não indígenas (COSTA, 2020, p. 50).

As potências dessas mulheres indígenas que, fortalecidas pelos incentivos literários da escritora Potiguara, construirão novos espaços onde elas possam ser ouvidas e respeitadas. Graça Graúna é, portanto, uma verdadeira guerreira indígena potiguara que se orgulha de sua identidade e, em seu canto poético, tem levado muitas alegrias, inspirações e forças às(aos) suas(seus) parentas(es) indígenas.

Bibliografia

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: práticas informacionais de organizações não-governamentais: ONGs brasileiras. **Informação & Informação**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 32, 2001.
- BARROS, Randra K. Barbosa. **O canto de Graúna: uma poética da heterogeneidade na literatura indígena brasileira contemporânea**. 147f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2020.
- COSTA, Helene Rosa da. **Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara**. 265f. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Programa de Pós-graduação em Estudos Literários. Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2020.
- GRAÚNA, Graça. A Literatura Indígena no Brasil contemporâneo e outras questões em aberto. **Educação & Linguagem**, Rio Grande do Norte, v. 15, n. 25, p. 266-276, jan/jun. 2012.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- GRAÚNA, Graça. **Canto Mestizo**. [prefácio Leila Miccolis]. 1º ed. Maricá RJ: Editora Blocos, 1999. v. 1. 72 p.
- GRAÚNA, Graça. Educação, literatura e direitos indígenas: visões indígenas da Lei n. 11645/08. **Educação e Linguagem**, São Bernardo do Campo, v.14, n. 23/24, p. 231-260, 2011.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay Kakyri Tama**: Eu moro na cidade. 2ª ed. São Paulo: Polén, 2018.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os índios no Brasil de hoje. Brasília: MEC; UNESCO, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de índio**: uma quase autobiografia. Ilustração Rita Carelli. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**. São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA, Eliane. **Metade Cara, Metade Máscara**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.